

Alan M. Zuffo
Jorge G. Aguilera
Bruno R. de Oliveira
Rosalina E. L. Zuffo
Aris V. Peña
Organizadores

CIÊNCIA
EM FOCO
VOLUME VI



Pantanal Editora

2021

Alan Mario Zuffo
Jorge González Aguilera
Bruno Rodrigues de Oliveira
Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo
Aris Verdecia Peña
Organizadores

Ciência em Foco Volume VI



Pantanal Editora

2021

Copyright© Pantanal Editora

Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com.

Revisão: O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Profa. Msc. Adriana Flávia Neu

Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior

Profa. Msc. Aris Verdecia Peña

Profa. Arisleidis Chapman Verdecia

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva

Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo

Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu

Prof. Dr. Carlos Nick

Prof. Dr. Claudio Silveira Maia

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos

Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva

Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos

Prof. Msc. David Chacon Alvarez

Prof. Dr. Denis Silva Nogueira

Profa. Dra. Denise Silva Nogueira

Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão

Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves

Prof. Me. Ernane Rosa Martins

Prof. Dr. Fábio Steiner

Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza

Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez

Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles

Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira

Prof. Msc. Javier Revilla Armesto

Prof. Msc. João Camilo Sevilla

Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales

Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski

Prof. Msc. Lucas R. Oliveira

Profa. Dra. Keyla Christina Almeida Portela

Prof. Dr. Leandro Argente-Martínez

Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan

Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann

Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior

Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos

Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla

Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira

Profa. Msc. Núbia Flávia Oliveira Mendes

Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira

Profa. Dra. Patrícia Maurer

Profa. Msc. Queila Pahim da Silva

Prof. Dr. Rafael Chapman Auty

Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke

Instituição

OAB/PB

Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã

UO (Cuba)

IF SUDESTE MG

Facultad de Medicina (Cuba)

ISCM (Cuba)

UFESSPA

UEA

UNEMAT

UFV

AJES

UFGD

UEMS

IFPA

UNICENTRO

IFMT

UFMG

URCA

ISEPAM-FAETEC

IFG

UEMS

UFF

(Colômbia)

UNAM (Peru)

IFRR

UCG (México)

Mun. Rio de Janeiro

UNMSM (Peru)

UFMT

Mun. de Chap. do Sul

IFPR

Tec-NM (México)

Consultório em Santa Maria

UFJF

UEG

FAQ

UNAM (Peru)

SEDUC/PA

IFB

IFPA

UNIPAMPA

IFB

UO (Cuba)

UFMS

Prof. Dr. Raphael Reis da Silva	UFPI
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes	UFG
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo	UEMA
Profa. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos	IFB
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca	UFPI
Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira	FURG
Profa. Dra. Yilan Fung Boix	UO (Cuba)
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme	UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C569	Ciência em foco [livro eletrônico] : volume VI / Organizadores Alan Mario Zuffo... [et al.]. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2021. 200 p.: il. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-81460-17-4 DOI https://doi.org/10.46420/9786581460174 1. Ciência – Pesquisa – Brasil. 2. Pesquisa científica. I. Oliveira, Bruno Rodrigues de. II. Zuffo, Alan Mario. III. Aguilera, Jorge González. IV. Peña, Aris Verdecia. V. Zuffo, Rosalina Eufrausino Lustosa. CDD 001.42
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

Apresentação

A obra “Ciência em Foco Volume VI” em seus 17 capítulos, apresentam trabalhos relacionados com o desenvolvimento de novas tecnologias principalmente vindas das universidades. Os trabalhos mostram algumas das ferramentas atuais que permitem o incremento a melhoria da qualidade de vida da população, o atendimento no setor público, os impactos no meio ambiente, além da saúde pública, entre outras. A obra, vem a materializar o anseio da Pantanal Editora na divulgação de resultados, que contribuem de modo direto no desenvolvimento humano.

Avanços em diversas áreas do conhecimento, entre elas, nas áreas de Ciências Sociais, Saúde, Educação, entre outras, estão presentes nesses capítulos. Temas associados aos impactos ambientais urbanos, ao uso de drogas em gestantes, ao estudo da visão da mulher negra, a percepção dos servidores de uma escola pública federal, ao ensino de física durante a pandemia, automedicação no Brasil, a correlação entre a doença de Chagas e indicadores socioeconômicos, ao cuidado farmacêutico em pacientes idosos usuários de polifarmácia, a determinação do impacto da intoxicação medicamentosa, ao papel do farmacêutico na promoção da saúde a pacientes portadores de transtornos mentais, a utilização do cravo na produção de repelente, a ética na gestão da qualidade do serviço público, a tradução de poesia e retradução, a concepção e marcos de projetos político-pedagógicos na enfermagem.

Aos autores dos diversos capítulos, pela dedicação e esforços sem limites, que viabilizaram esta obra que retrata os recentes avanços científicos e tecnológicos, os agradecimentos dos Organizadores e da Pantanal Editora.

Por fim, esperamos que este livro possa colaborar e estimular aos estudantes e pesquisadores que leem esta obra na constante procura por novas tecnologias. Assim, garantir uma difusão de conhecimento fácil, rápido para a sociedade.

Os organizadores

Sumário


Apresentação	4
Capítulo I	7
Impactos ambientais Urbanos: O exemplo do Bairro de Stella Mares – Salvador-BA.....	7
Capítulo II	17
Uso de drogas de abuso por gestantes	17
Capítulo III	32
Um Estudo Sobre A Visão Da Mulher Negra Na Obra “O Cortiço”, E Estereótipos Que Ainda Persistem No Século XXI	32
Capítulo IV	40
Estudo do perfil de consumo do centro de abastecimento de Parauapebas-PA	40
Capítulo V	52
Clima organizacional: percepção dos servidores de uma escola pública federal	52
Capítulo VI	65
O ensino de física durante a pandemia em Teresina - PI: relatos dos seus docentes.....	65
Capítulo VII	86
Avaliação do potencial citogenotóxico de extratos aquosos de <i>Hibiscus sabdariffa</i> L. por meio do teste <i>Allium cepa</i> L.....	86
Capítulo VIII	97
A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos: uma revisão bibliográfica	97
Capítulo IX	105
Correlação entre a doença de chagas e indicadores socioeconômicos no estado do Pará	105
Capítulo X	114
Cuidado farmacêutico em pacientes idosos usuários de polifarmácia: uma revisão de literature.....	114
Capítulo XI	127
Determinação do impacto da intoxicação medicamentosa frente aos usuários de medicamentos	127
Capítulo XII	135
O Papel do Farmacêutico na Promoção da Saúde a Pacientes Portadores de Transtornos Mentais: Uma Revisão da Literatura.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo XIII	149
A utilização do cravo na produção de repelente no ambiente escolar.....	149
Capítulo XIV	166
A ética na gestão da qualidade do serviço público.....	166
Capítulo XV	176
Tradução de poesia e retradução: um estudo sobre <i>Poema sujo</i>	176
Capítulo XVI	185

Concepção e marcos de projetos político-pedagógicos na enfermagem.....	185
Capítulo XVII	191
Uma discussão sobre a utilização da inteligência artificial no judiciário brasileiro	191
Índice Remissivo	198
Sobre os organizadores	199

Um Estudo Sobre A Visão Da Mulher Negra Na Obra “O Cortiço”, E Estereótipos Que Ainda Persistem No Século XXI

Recebido em: 25/10/2021


Aceito em: 26/10/2021

 10.46420/9786581460174cap3

Bruno Andrade da Gama¹ 

Rayssa Luane Fonseca Cerdeira²

Roberta Elana Moutinho dos Santos³

Cleidison da Silva Santos^{4*} 

Arlon Francisco Carvalho Martins⁵

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um estudo histórico e sociológico de como era a vida e de qual era a visão sobre mulher negra no século XIX, e os estereótipos que ainda persistem no século XXI. A sociedade brasileira desde os primórdios da colonização foi machista, fruto do patriarcado europeu enraizado na cultura brasileira. Ser mulher num país aonde o machismo predomina nunca foi fácil, ser uma mulher negra é uma tarefa mais árdua ainda, é uma cruz pesada que vem sendo carregada por muitas mulheres há séculos.

Nesse contexto, surgem algumas perguntas: Como era a vida da mulher negra no século XIX? Qual era a visão da sociedade sobre ela? Como é a vida da mulher negra no século XXI? Será que algo mudou? Direitos foram conquistados? O que pode ser feito nessa busca mais igualitária em relação ao gênero?

Para responder essas questões é preciso analisar como vivia a sociedade brasileira no século XIX, o caminho histórico percorrido até aquele momento é de que forma esses preconceitos e estereótipos ultrapassaram as barreiras do tempo e persistem ainda no século XXI.

O estudo toma como referência um dos maiores clássicos da literatura brasileira, “O cortiço”, o romance naturalista do brasileiro Aluísio Azevedo publicado em 1890 que denuncia a exploração e as péssimas condições de vida dos moradores dos cortiços cariocas no final do século XIX.

¹ Cursando Técnico em Informática no IFPA – Campus Santarém/PA.

² Cursando Técnico em Informática no IFPA – Campus Santarém/PA.

³ Cursando Técnico em Informática no IFPA – Campus Santarém/PA.

⁴ Doutor em Educação (UNR) e professor do Instituto Federal de Educação no Pará – IFP.

⁵ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará e Professor do Instituto Federal de Educação do Pará – IFPA Campus Santarém/PA.

* Autor correspondente: cleidison.santos@ifpa.edu.br

Essas moradias eram um conglomerado de casas pequenas, na maioria das vezes com apenas um cômodo e o banheiro era de uso comum a todos os moradores. A maior parte das pessoas que habitavam esses espaços era negra, podendo ser escravos, livres e libertos (Santos, 2018).

Observa-se que os negros após conseguirem a sua liberdade tinham agora que se virar sozinhas para sobreviver, porque houve de fato a abolição da escravatura, contudo não houve um planejamento para que a população negra pudesse sobreviver de maneira descente, além disso, o preconceito, o sentimento de superioridade da “raça branca” prevaleceu, de forma que houve sim a libertação dos escravos negros, porém a sociedade brasileira nunca deixou de fazer do negro escravo do racismo e de todo é qualquer tipo de preconceito.

A escritora inglesa Jane Austen (1775-1817), escreveu o romance *Orgulho e Preconceito* (1797), indo muito além do retrato de uma relação amorosa a obra apresenta várias críticas sociais, dentre elas o papel da mulher na Inglaterra no final do século XVIII. Uma das realidades apresentada no livro é de que se por acaso numa família só houvesse prole feminina nenhuma teria direito ao patrimônio do genitor, a herança deveria ser para o parente homem mais próximo.

No século XIX no Brasil até a literatura tinha um objetivo pedagógico claro: ensinar a mulher o seu lugar, eram romances escritos exclusivamente por homens, voltado especialmente para o público feminino (RIBEIRO, 1996). Esse sistema patriarcal europeu que podemos vislumbrar no romance de Austen influenciou fortemente o Brasil, a ideia do homem ser superior com mais direitos do que a mulher na sociedade brasileira foi enraizada pelo eurocentrismo.

BERTOLEZA: A REPRESENTAÇÃO DE CASOS REAIS DE MULHERES NEGRAS

No romance, o primeiro personagem que é apresentado ao leitor é João Romão, um português que tem delírios de riqueza, que poupava migalhas. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha (Azevedo, 1980, p. 2). Em seguida, conhecemos a escrava Bertoleza, quitandeira famosa. O caminho de ambos se cruza porque o português se alimentava diariamente em sua quintada.

Bertoleza era uma escrava de ganho, algo comum nesse período, seu dono era um velho cego, que ela via apenas mensalmente para entregar-lhe jornais. Além disso, também vivia amigada com um português que fazia fretes de carroça, porém, o pobre homem encontra seu fim ao carregar mais peso do que deveria.

João Romão viu na morte do amasio de Bertoleza uma oportunidade para se aproximar da escrava, essa aproximação não se fazia por acaso, não era por ele ter um bom coração é querer apoiar a recém viúva, mas sim porque ele tinha interesse em usar a escrava como degrau na sua busca por ascensão econômica e social. Assim aos poucos ele se aproximou e conquistou a sua confia e fez dela sua amante e besta de carga (Cândido, 1993).

Romão se faz participar com tanto afincado do sofrimento da vizinha que em pouco tempo tem a sua confiança, a negra lhe confidencia que tem juntando um dinheiro para comprar a sua carta de alforria, com medo de lhe roubarem Bertoleza pede para o português ir guardando esse valor para ela, pois ela já tinha sido roubada outras vezes.

Nesse trecho, chama a atenção a vulnerabilidade da mulher negra, tanto para se deixar iludir em tão pouco tempo e não perceber as intenções escusas de um homem branco, talvez por carência, como também pelo fato dessa escrava já ter sido roubada antes e certamente não poderia nem reclamar, afinal de contas, porque as autoridades dariam ouvidos a uma escrava?

Bertoleza deu tanto espaço para João Romão que em pouco tempo ele já comandava sua vida financeira:

Daí em diante, João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia e era também quem punha e dispunha dos seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor os vinte mil-réis mensais. Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitadeira, quando precisava de dinheiro para qualquer coisa, dava um pulo até à venda e recebia-o das mãos do vendeiro, de “Seu João”, como ela dizia. [...] E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança no espírito da mulher, que esta afinal nada mais resolvia só por si, e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. Por último, se alguém precisava tratar com ela qualquer negócio, nem mais se dava ao trabalho de procurá-la, ia logo direito a João Romão (Azevedo, 1980).

A pobre é inocente Bertoleza não percebeu que agora não tinha somente um mais sim dois senhores. A diferença era que em João Romão ela o tinha confiado a vida, sim a vida, pois a sua carta de alforria representaria a sua libertação do trabalho escravo.

Outro fator que contribuiu para a aproximação do casal era que Bertoleza não queria se sujeitar a um homem negro. Segundo Cândido (1993):

Esta Bertoleza, aliás, que era cafuza, serve para surpreendermos o narrador em pleno racismo, corrente no seu tempo com apoio numa pseudo-ciência antropológica que angustiava os intelectuais brasileiros quando pensavam na mestiçagem local. João Romão propõe a Bertoleza morarem juntos, e ela aceita, feliz, "porque, como toda cafuza [...] não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua". Nada falta, como se vê: o *instinto racial*, a raça *inferior*, o desejo de *melhorá-la*, o contacto redentor com a raça *superior*.

O sistema social fazia (faz) com que o negro fosse racista com o próprio negro, no caso de Bertoleza ela procurava um homem branco de preferência europeu, na busca de uma melhoria racial, afinal de contas aquilo que é considerado superior é sempre atraente, está próximo ou fazer parte de algo que é superior faz bem para o ego, talvez esse tenha sido o pensamento de Bertoleza.

Após o envolvimento amoroso do português com a escrava, ele usa as economias dela para comprar um terreno e começar a construir uma casinha, nesse meio tempo ele finge para ela que comprou sua carta de alforria até chegando a abrirem uma garrafa de vinho do porto para comemorar a sua recente “liberdade”.

João Romão teve receio que o velho cego viesse atrás da escrava, mas em pouco tempo ele morreu, a escrava deveria passar de herança para os filhos, porém para a sorte do português eles eram dois bobões.

A partir do momento que passaram a viver juntos, Bertoleza passou a desempenhar o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Acordava cedo e trabalhava muito, já João Romão não ia nem a missa, economizava ao máximo e tudo ia para a conta no banco. Os cúmplices iam também furtando pedras de uma pedreira para construir casinhas para alugar, com o passar do tempo foram construindo mais e mais casinhas, quando se deram conta, o cortiço havia nascido.

Um outro personagem era o velho Botelho, que parasitava o dinheiro de Miranda, este outro era um antigo desafeto de João Romão. Romão já possuía dinheiro, mas ainda lhe faltava algo, ser inserido na alta sociedade, para isso ele precisava de uma porta de entrada, ora, o casamento com uma mulher da nobreza era uma excelente opção. Miranda havia comprando a algum tempo atrás o título de nobre, por este motivo Botelho sugeriu casamento de João Romão com a filha de Miranda, Zulmira.

Porém, para um parasita como Botelho tudo tem um preço, logo, Romão teve que pagar para que ele arrumasse um meio para que ele fizesse uma aproximação dele com Zulmira. O plano para que ocorresse a aproximação deu certo afinal de contas, mas certo dia a moça lhe questiona a respeito de Bertoleza e ele afirma que dará um jeito de se livrar dela.

Bertoleza, escuta a conversa, põe o português contra a parede e diz que deseja também gozar do lucro, afinal é um direito dela, pois conquistaram juntos a fortuna. Contudo, João Romão diz que dará para ela o que é justo, dará uma quitandinha para que ela possa trabalhar para si, ela afirma que é negra, mas tem sentimentos, precisa descansar, iniciou a vida trabalhando em cativo e quer desfrutar um pouco da vida na sua velhice.

Após uma tensa discussão entre os dois, João Romão começa a matutar num meio de se livrar da escrava, pensa até em interná-la num hospício, contudo a partir de uma conversa com Botelho lhe vem outra ideia, entregá-la aos herdeiros do falecido dono, ou seja, retorná-la a “escravidão legal”.

Junto com Botelho ele os consegue localizar, e arma para que eles venham a sua casa acompanhado de policiais para pegar a “escrava fujona”. No dia combinado para a ação, Romão diz a Botelho que não quer está presente, mas o velho parasita diz para que ele seja firme, “porque não foi ele que a fez negra”. Ou seja, o Botelho aqui de certa maneira representa o pensamento daquela sociedade, “está tudo bem você cometer atrocidades e injustiças com ela, afinal ela é negra, é isso não é culpa sua, é um fardo que ela carrega de nascença, você como homem branco e de raça superior está no seu direito natural”.

Eis que chega o filho do velho cego acompanhado de policiais, Bertoleza lhe reconhece na hora, e no mesmo instante entende tudo, que a carta de alforria era falsa, e que aqueles homens estavam ali

para lhe levar de volta a vida de escravidão. Na verdade, ela tinha saído da escravidão somente na cabeça dela, porque continuou sendo escrava de João Romão durante todo esse tempo.

Bertoleza num gesto de desespero pegou um facão e cravou em si, rasgado o próprio ventre lado a lado. João Romão como covarde que era não teve coragem nem de olhar a cena, se afastou para o canto mais escuro do armazém cobrindo o rosto.

Aquela mulher negra preferiu a morte quando viu que a sua liberdade não tinha passado de uma doce ilusão, ela foi injustiçada, sabia disso, mas sabia também que não adiantava espernear, gritar ou falar o que fosse, porque uma mulher ainda por cima negra e na condição de escrava não tinha voz nem direito na sociedade.

Segundo Santos (2018):

O drama de Bertoleza é importante para se pensar a respeito de como a existência dessas mulheres na sociedade brasileira do final do século XIX se tornou um problema a partir dos olhares que homens brancos lançaram sobre elas. A personagem encontra-se em constante servidão e só proclama-se como ser humano digno de respeito depois de notar que está sendo passada para trás.

É esse era um problema imaginando pela elite branca da época, a respeito do medo do que os negros poderiam fazer com a sua liberdade. Bertoleza inocente servia de bom grado a João Romão, mas a partir do momento que viu que estava sendo passada para trás quis se rebelar e exigir seus direitos, esse era o medo da elite branca que os negros passassem a exigir direitos e mesmo após a abolição da escravidão se recusasse a lhes servir.

Ainda de acordo com Santos (2018):

Nos colégios, as meninas negras não eram ensinadas a serem boas mães para criar bons cidadãos que contribuíssem para uma sociedade mais justa e igualitária, assim como acontecia com as meninas brancas, elas eram ensinadas a servir. E não servir umas às outras, mas servir as meninas brancas.

Parafraseando o antropólogo, historiador, sociólogo e político, Darcy Ribeiro, a educação no Brasil não é uma crise, mas sim um projeto. Desde os primórdios da educação brasileira ela foi pensada para atingir os interesses da elite, afinal de contas eram eles que estavam no poder, nesse sentido, porque não pensar num modelo de ensino que os mantenha no poder. A escravidão era muito conveniente para a aristocracia, contudo, devido a pressão internacional ela tinha que deixar de ser exercida legalmente, então houve a abolição da escravidão legal no Brasil, mas houve também a implantação de um sistema educacional voltado para ensinar ao negro o seu lugar na sociedade: servir a elite branca.

É nesse limbo da eterna servidão que Bertoleza se encontra e é isso que ela representa na visão das elites sobre o que faria e como viveria em liberdade uma mulher negra que passou a vida inteira em cativeiro (Santos, 2018). Nesse sentido foi pensado um sistema que ensinasse as mulheres negras o lugar dela na sociedade, se uma mulher branca é vítima do sistema patriarcal a mulher negra é muito mais. A sociedade branca se utilizava da velha desculpa de a pessoa ser negra para cometer todos os tipos de

atrocidades com ela, como ocorreu com Bertoleza, Botelho falou para João Romão não se sentir culpado pois ele não tinha culpa de Bertoleza ser negra.

Bertoleza é uma personagem verossímil inspirada em casos reais de mulheres negras que, dentro da visão dos homens brancos que compunham a elite da sociedade brasileira na segunda metade do século XIX, não sabem viver em liberdade, porque nunca a experimentaram e não sabem o que fazer com ela, por isso são exploradas por seus companheiros e não percebem (Santos, 2018).

Por meio de Bertoleza, o autor mostrou o fardo da escravidão na vida das mulheres negras, a mesma tão acostumada a servir não percebeu que estava se metendo numa escravidão pior ainda, uma que envolvia sentimento amoroso, de confiança e amizade pelo seu algoz, e ao perceber que tudo não passou de uma ilusão, não suportou e cometeu suicídio.

O “FARDO” DE SER MULHER NEGRA NO BRASIL: “AINDA NO SÉCULO XXI”

“O feminicídio, isto é, o assassinato de mulheres por sua condição de gênero, também tem cor no Brasil: atinge principalmente as mulheres negras. Entre 2003 e 2013, o número de mulheres negras assassinadas cresceu 54%, ao passo que o índice de feminicídios de brancas caiu 10% no mesmo período de tempo. Os dados são do Mapa da Violência 2015, elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Estudos Sociais. Uma evidência de que os avanços nas políticas de enfrentamento à violência de gênero não podem fechar os olhos para o componente racial. As mulheres negras também são mais vitimadas pela violência doméstica: 58,68%, de acordo com informações do Ligue 180 – Central de Atendimento à Mulher, de 2015. Elas também são mais atingidas pela violência obstétrica (65,4%) e pela mortalidade materna (53,6%), de acordo com dados do Ministério da Saúde e da Fiocruz.”

(Feminicídio das mulheres negras aumentou, das brancas caiu. Disponível em: <
https://www.geledes.org.br/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil/?gclid=CjwKCAjwruSHBhAtEiwA_qCpplbvQ-bpMkhBNEM_Ep0N8QduhGSTrbjhf2_rQN3KLMrlXOzJ7Yt4xoCBDsQAvD_BwE >.
Acesso em: 22 jul. de 2021).

Em pleno século XXI, a mulher negra ainda é vítima do sistema patriarcal racista, enraizado na sociedade brasileira pelo modelo de colonização europeu. Os dados são claros, mulheres negras são as maiores vítimas em feminicídio, violência doméstica é até mesmo obstétrica. Mas, porque depois de tantos anos a mulher negra ainda enfrentam dificuldades gigantescas para conseguir o seu espaço na sociedade?

A resposta é simples, porém complexa: racismo estrutural. Segundo Almeida (2021):

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, de modo “normal” como se constituem as relações políticas, econômicas jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural.

O racismo está enraizado na estrutura da sociedade, faz parte da cultura brasileira. É normal para muitos zombar do cabelo das mulheres negras, fazer piadas com apelidos ofensivos referente ao seu tom de pele, estereotipar mulheres negras como símbolo sexual, relacionar coisas ilícitas a pessoas negras, etc.

O pior disso, é confundir essas ações como se fossem “brincadeiras inocentes” ou liberdade de expressão, a partir do momento que ofende e desrespeita o outro, não é mais brincadeira.

Desta maneira, a mulher negra não é vista de acordo com o seu próprio olhar, de acordo com Ribeiro (2020) existe um olhar colonizador sobre seus corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partam de outros pontos. De modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação aos homens.

Nesse mesmo contexto, Ribeiro (2020) chega ao tema de “lugar de fala”, para a autora todos tem “lugar de fala”, pois todos estão localizados socialmente, é muito importante que todos assumam o seu “lugar de fala”, e não deixem que os outros falem por você, cada um deve falar a partir da sua perspectiva, experiências e vivências, de acordo como se sente com a sua história.

Esse é um dos principais problemas que agrava a situação do racismo estrutural sobre as mulheres negras no país, a falta de terem o direito de manifestar a sua voz, falar sobre si, não sobre a visão de um homem branco.

Ao se debruçar sobre a mulher negra do século XIX, comparando-a com a do século XXI, perceberemos que houve uma evolução em relação a conquistas, mas essa conquista não foi total, a custa de árduas batalhas a negra vem conseguindo ganhar o seu espaço na sociedade.

Além disso, a luta da mulher negra contra o racismo no Brasil, tem a necessidade de ser cada vez mais intensa, pois o racismo do século XIX era mais escancarando, mais fácil de se identificar, no século XXI o racismo estrutural é mais silencioso, precisa de uma atenção maior para ser identificado, contudo, na era da tecnologia tornou-se mais fácil para a mulher negra fazer a sua voz ser ouvida.

A busca por uma sociedade igualitária não é um caminho fácil, contudo, se quisermos um mundo melhor nesse contexto de direitos iguais, deve-se começar pela educação dos meninos. Assim:

O modo como criamos nossos filhos homens é nocivo: nossa definição de masculinidade é muito estreita. Abafamos a humanidade que existe nos meninos, enclausurando-os numa jaula pequena e resistente. Ensinamos que eles não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis, precisam esconder quem realmente são – porque eles têm que ser, como se diz na Nigéria, homens duros (Adichie, 2014).

Por muito tempo o sistema patriarcal contribuiu para uma sociedade machista, é uma frase clichê, porém real: “as crianças são o futuro do país”, nesse sentido a busca por um país mais justo é igualitário deve começar por eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance “O cortiço”, trouxe um vislumbre sobre a sociedade brasileira no século XIX, esse meio de moradia foi surgindo principalmente para atender os negros que estavam começando a conhecer a liberdade, vivenciando esse novo estilo de vida que a abolição da escravidão proporcionou.

Por meio de Bertoleza, têm-se inúmeras representações sobre como era a vida e de como era a visão da mulher naquele século. Por mais que uma mulher negra pudesse comprar a sua carta de alforria essa era uma missão praticamente impossível, pois ela teria que trabalhar muito e as vezes ainda era roubada, como foi o caso da personagem.

Problemas em cometer atrocidades contra uma mulher negra? Não, nenhum. Afinal, como dizia Botelho que culpa eles têm de a pessoa ter nascido negra, era normal para um homem branco explorar uma mulher negra da forma como ele achasse melhor, afinal o branco uma “raça superior”, no pensamento deles.

O preconceito do negro contra o negro também está representando em Bertoleza, quando João Romão lhe propôs se juntarem ela aceitou de braços abertos, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua (Azevedo, 1980).

Não desapontamos no século XXI com uma sociedade igualitária para a mulher negra, diversos tipos de violências contra elas são maiores se comparadas com mulheres brancas. Isso não quer dizer que ela não conquistou espaço, conquistou sim, mas ainda há muito a ser feito na busca da igualdade.

Djamila Ribeiro, fala sobre a importância de não se confundir lugar de fala com representatividade, talvez uma mulher branca tenha o desejo de falar sobre racismo e se envolver na causa, é isso não é um problema, assim como homens podem lutar por causas feministas, todos podem se envolver na causa, sendo ela nobre é justa. Assim, é mais que dever que sejamos todos antirracistas e feministas na busca por uma sociedade mais igualitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adichie CN (2014). *Sejamos Todos Feministas*. São Paulo: Companhia de Letras.
- Almeida SL (2021). *Racismo Estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra.
- Azevedo A (1980). *O cortiço*. Brasília: Prazer de Ler.
- Candido A (1993). *De Cortiço a Cortiço*. In: __ Antonio. *O Discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades.
- Ribeiro D (2019). *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: 1º ed., Companhia de Letras.
- Ribeiro D (2020). *Lugar de Fala*. São Paulo: Editora Jandaíra.
- Ribeiro LF (1996). *Mulheres de Papel*. Niterói: EDUFF.
- Santos KVF (2018). *Mulheres negra na pós – abolição: Uma Análise da Personagem Bertoleza, de O Cortiço de Aluísio Azevedo*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília, Brasília.

Índice Remissivo

A

Automedicação · 98

C

Cultura organizacional · 55, 56

D

Doença de Chagas · 106, 108, 109

E

Enfermagem · 186, 187, 188, 190

Ensino de Física · 71, 73, 74

Estado do Pará · 106, 107, 108

Ética · 168

F

Farmacêutico · 101

Feira · 42, 43, 44

Ferreira Gullar · 177, 181

Filosofia · 167, 169, 175

G

Gestão da Qualidade · 168

H

Hibiscus sabdariffa L · 86

M

Metodologias · 72, 74

P

Poema sujo · 177, 181, 182, 183, 184

Público · 173

R

Representatividade · 39

S

Satisfação · 44, 54, 60, 62

U

Urbano · 9

Sobre os organizadores



  **Alan Mario Zuffo**

Engenheiro Agrônomo, graduado em Agronomia (2010) na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Mestre (2013) em Agronomia - Fitotecnia (Produção Vegetal) na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutor (2016) em Agronomia - Fitotecnia (Produção Vegetal) na Universidade Federal de Lavras (UFLA). Pós - Doutorado (2018) em Agronomia na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Atualmente, possui 158 artigos publicados/aceitos em revistas nacionais e internacionais, 126 resumos simples/expandidos, 63 organizações de e-

books, 39 capítulos de e-books. É editor chefe da Pantanal editora e revisor de 18 revistas nacionais e internacionais. Contato: alan_zuffo@hotmail.com.



  **Jorge González Aguilera**

Engenheiro Agrônomo, graduado em Agronomia (1996) na Universidad de Granma (UG), Bayamo, Cuba. Especialista em Biotecnologia (2002) pela Universidad de Oriente (UO), Santiago de Cuba, Cuba. Mestre (2007) em Fitotecnia na Universidade Federal do Viçosa (UFV), Minas Gerais, Brasil. Doutor (2011) em Genética e Melhoramento de Plantas na Universidade Federal do Viçosa (UFV), Minas Gerais, Brasil. Pós - Doutorado (2016) em Genética e Melhoramento de Plantas na EMBRAPA Trigo, Rio Grande do Sul, Brasil. Professor Visitante na Universidade Federal de Mato Grosso do

Sul (UFMS) no campus Chapadão do Sul (CPCS), MS, Brasil. Atualmente, possui 52 artigos publicados/aceitos em revistas nacionais e internacionais, 29 resumos simples/expandidos, 33 organizações de e-books, 20 capítulos de e-books. É editor da Pantanal Editora e da Revista Agrária Acadêmica, e revisor de 19 revistas nacionais e internacionais. Contato: j51173@yahoo.com, jorge.aguilera@ufms.br.



  **Bruno Rodrigues de Oliveira**

Graduado em Matemática pela UEMS/Cassilândia (2008). Mestrado (2015) e Doutorado (2020) em Engenharia Elétrica pela UNESP/Ilha Solteira. Pós-doutorando na UFMS/Chapadão do Sul-MS. É editor na Pantanal Editora e professor de Matemática no Colégio Maper. Tem experiência nos temas: Matemática, Processamento de Sinais via Transformada Wavelet, Análise Hierárquica de Processos, Teoria de Aprendizagem de Máquina e Inteligência Artificial. Contato: bruno@editorapantanal.com.



ID Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Pedagoga, graduada em Pedagogia (2020) na Faculdades Integradas de Cassilândia (FIC). Estudante de Especialização em Alfabetização e Letramento na Universidade Cathedral (UniCathedral). É editora Técnico-Científico da Pantanal Editora. Contato: rlustosa@hotmail.com.br



ID Aris Verdecia Peña

Médica, graduada em Medicina (1993) pela Universidad de Ciencias Médica de Santiago de Cuba. Especialista em Medicina General Integral (1998) pela Universidad de Ciencias Médica de Santiago de Cuba. Especializada em Medicina en Situaciones de Desastre (2005) pela Escola Latinoamericana de Medicina em Habana. Diplomada em Oftalmología Clínica (2005) pela Universidad de Ciencias Médica de Habana. Mestrado em Medicina Natural e Bioenergética (2010), Universidad de Ciencias Médicas de Santiago de Cuba, Cuba. Especializada em Medicina Familiar (2016) pela Universidade de Minas Gerais, Brasil. Professora e Instructora da Universidad de Ciencias Médicas de Santiago de Cuba (2018). Ministra Cursos de pós-graduação: curso Básico Modalidades de Medicina Tradicional em urgências e condições de desastres. Participou em 2020 na Oficina para Enfrentamento da Covi-19. Atualmente, possui 11 artigos publicados, e seis organizações de e-books



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000

Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil

Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)

<https://www.editorapantanal.com.br>

contato@editorapantanal.com.br

